**Coleta de gestos: bordado e fotografia como pesquisa artística**

Ximenes, Vanessa Santos; Mestre em Artes Visuais UFRJ;

Docente IFRJ campus Belford Roxo; santos.vanessa@ifrj.edu.br

**RESUMO**

Minha pesquisa sobre o feminino se iniciou em 2013. O bordado como linguagem artística, no entanto, só assumi recentemente de um ano, no máximo dois, pra cá. Meu tecer é antigo, veio de um saber que atravessa gerações. Aprendi a bordar ainda pequena com a minha mãe que aprendeu com a minha avó. Todo o meu conhecimento sobre bordado veio das mulheres da minha família e a fotografia analógica do meu avô. Meu trabalho é o tempo todo uma rememoração de tudo que essas pessoas me passaram. Enquanto estive na Escola de Belas Artes (na Graduação e no Mestrado) em nenhum momento ouvi falar das técnicas de Arte Têxteis. O bordado é uma técnica quase que invisibilizada pelo seu caráter feminino e íntimo. Na minha família bordávamos no interior de nossas casas, esse conhecimento era passado de geração em geração desde a minha tataravó e muitas das vezes os bordados expressavam sentimentos profundos através de imagens e palavras. Mas até hoje é “mal visto” pelas instituições formais como “apenas Artesanato”. Isso fez com que eu demorasse muito tempo para enxergá-lo como uma possibilidade de problematização da Arte e da Cultura. Porém, hoje o meu fazer é muito claro e certeiro em relação aos meus propósitos e minha forma de estar no mundo. Produzo cotidianamente e até a exaustão. Nos momentos em que meu corpo não dá conta de continuar, eu escrevo. A escrita me organiza e é também o descanso que meu corpo precisa. Meu trabalho é, em sua maioria, resultado de exercícios sobre o corpo, a vivência do tempo presente como cura de memórias subjetivas, sejam em residências artísticas ou em propostas individuais de trabalho. De 2019 para cá eu fotografei 30 mulheres para um projeto que a princípio seria um trabalho só. O projeto começou a crescer em meados de 2019 quando cada uma delas postava em sua rede social o que tinha achado da experiência, aos poucos, isso fez com que mais mulheres me procurassem. No fim, o que era para ser apenas um trabalho ou uma série acabou se tornando várias que têm como enfoque os elementos da natureza referenciados por bordados. O elemento *terra* se tornou a série nomeada por “Carne-terra”, o ar “Feminino é vento que sopra sementes na terra”, a água “Feminino é um lugar que chove dentro” e o fogo ainda sem título e em processo de construção. O projeto Coleta de Gestos me ensinou e ainda me ensina muito sobre potência feminina, auto-cuidado, compartilhamento de vozes, trocas afetivas. Foram 30 mulheres, 30 corpos, 30 dias (1 com cada uma), 30 histórias, 30 vezes que conheci a fundo cada uma delas na minha casa, ofereci 30 vezes café, acolhimento, escuta. Os ensaios ocorreram de março de 2019, aproximadamente, até janeiro de 2020. E os bordados ainda estão em andamento. A expectativa era de chegar a 50 no ano de 2020, no entanto fui impossibilitada de dar prosseguimento aos ensaios por causa do isolamento social decorrente da pandemia de covid-19. São muitos textos que desenvolvo a partir desses encontros e no decorrer do processo de bordado. Vejo o projeto em si como o ponto de partida na coleta de todas essas vozes, sentidos, afetos e a partir disso vou reorganizando cada peça, cada foto bordada, cada trabalho individualmente e incluindo nas séries "filhas".

Me interessa a pequenez dos detalhes, imaginar o avesso das coisas, esculpir com a linha como se eu tivesse a mesma proporção que ela, como se os furos de agulha fossem enormes túneis que me acolhem. Me transporto para os detalhes da imagem ao bordar, me faço pequena para caminhar em cada parte, percorrer cada espacinho e ao furar o papel eu vou da imagem ao seu avesso, entro e saio com todo o meu corpo, ao inscrever as linhas na imagem eu me inscrevo inteira nela, caminho, mergulho, me refaço. O avesso do bordado é uma escrita paralela, não dita, velada, vou da casca a polpa de cada palavra, no âmago do ser que cada linha remete através da historicidade do bordado, da memória das coisas, do inconsciente que não é só o meu, ele está na imagem, no bordado, no ser que tudo habita.

Percebo que sou pequena diante da natureza, me vejo imersa no meio de árvores, da vegetação, me sinto acolhida pela correnteza das águas de cachoeira. Ao bordar a questão da pequenez, do detalhe retorna, sinto quase todas as vezes como se eu entrasse pelo buraco da agulha como quem entra em portais naturais feitos entre duas árvores que têm suas folhas entrelaçadas uma na outra numa floresta. Magicamente me vejo penetrando esses portais e sendo transportada para o outro lado do papel. Percorro como a formiga que anda sobre a fita de moebius e descobre que o dentro é o fora e tudo faz parte de uma mesma superfície. Marco o caminho da linha com a agulha da frente ao avesso, da pele ao organismo do ser, da superfície às profundezas de cada corpo. Nessa caminhada cotidiana do bordado eu teço meu caminho imaginário do corpo à linha, da imagem ao seu conteúdo. O espaço do papel é a minha memória ativada, pulsante, meu feminino vem à tona, inscrevo árvores no interior do espaço da folha de papel fotográfico e sobre a imagem do corpo de várias mulheres. Ao furar a superfície eu tento exaustivamente ir do topo às profundezas de cada uma delas colhendo frutos, raízes, sementes, água em cada imersão da agulha eu mergulho junto tentando resgatar uma língua perdida, esquecida, do conhecimento sobre a terra, sobre os símbolos, sobre os seres vegetais e a nutrição de cada um deles.

**Palavras-chave**: Arte; bordado; feminino; natureza.